



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE  
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia  
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

## INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Parra, Silvia, SEED<sup>1</sup>  
[silviaparrabt@gmail.com](mailto:silviaparrabt@gmail.com)

Eixo temático: Violências na escola  
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

### Resumo

A indisciplina e a violência na escola se constituem como realidades que desafiam a organização do trabalho pedagógico por promoverem, em certa medida, uma forma de exclusão educacional e por extensão da própria aprendizagem. A prática pedagógica, docente e discente, torna-se fundamental para pensar como se dão a indisciplina e a violência na escola. Nesse sentido busca-se, no âmbito deste trabalho, articular a concepção de organização do trabalho pedagógico e a questão da aprendizagem em contraponto a esses fenômenos. A forma e o conteúdo da organização do trabalho pedagógico na perspectiva da aprendizagem podem ser determinantes para a reflexão e superação desses processos. A análise aqui feita toma como referencial teórico-prático a perspectiva crítica de sociedade e de escola, considera-se que o processo ensino-aprendizagem historicamente vincula-se à realidade social na qual tanto o educador quanto o educando se inserem como sujeitos epistêmicos. Trabalhar na perspectiva crítica significa considerar uma abordagem do trabalho educativo e da aprendizagem a partir dos determinantes sociais e históricos que envolvem o desenvolvimento educacional do indivíduo. A escola deve, assim, assumir seu papel na sociedade como responsável por estabelecer uma discussão que enfrente os fatores que originam a indisciplina e a violência através de um pensamento racional, porém profundamente vinculado às necessidades humanas reais. Num primeiro momento desenvolve-se um estudo para a compreensão e distinção da indisciplina e da violência na escola. Em seguida busca-se, a partir da concepção de organização do trabalho coletivo, apontar caminhos para a reflexão de uma prática docente/discente que garanta a apropriação do conhecimento escolar.

**Palavras-chave:** Violência; Indisciplina; Escola; Aprendizagem; Organização do Trabalho Pedagógico

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração pela Faculdade de Administração e Economia – FAE; Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UFPR, Especialista e Mestra em Educação pela UFPR.

## **Introdução**

O objetivo deste artigo é refletir sobre a indisciplina e a violência na escola e suas relações com o processo ensino-aprendizagem. A organização do trabalho pedagógico apresenta-se como categoria fundamental para compreender essa relação numa perspectiva crítica.

A defesa da organização do trabalho pedagógico amparado numa gestão democrática como forma histórica para a superação tanto da indisciplina como da violência na escola, é ponto de partida e de chegada para a construção de um espaço escolar orientado para uma aprendizagem coletiva. Entende-se que esses fenômenos comprometem o desenvolvimento de uma prática pedagógica e um trabalho educativo que efetive a apropriação do conhecimento pelo educando.

Num primeiro momento desenvolve-se um estudo para a compreensão e distinção da indisciplina e da violência na escola. Em seguida busca-se, a partir da concepção de organização do trabalho coletivo, apontar caminhos para a reflexão de uma prática docente/discente que garanta a apropriação do conhecimento escolar. Compreende-se que somente com a apropriação do conhecimento crítico pode-se construir uma relação pedagógica pautada na autonomia, autocontrole e auto-reflexão que possibilite trabalhar as questões relacionadas à indisciplina e violência na escola.

## **Indisciplina, Violência E Escola: Aproximações E Distinções Possíveis**

A repercussão dos fenômenos da indisciplina e da violência na escola destaca-se atualmente com a difusão da mídia, principalmente sobre os desdobramentos e não as causas desses fenômenos. A indisciplina na escola ressoa no meio social de forma negativa, haja vista a representação que essa instituição possui enquanto meio de desenvolvimento do indivíduo. De uma forma ou de outra, tem se considerado que tanto a indisciplina quanto a violência são fenômenos que compõem a sociedade contemporânea e a escola surge como a última das instituições a conviver com eles em seu espaço interno.

A disciplina é uma condição de observância a uma conduta ordenada de acordo com preceitos, regras e normas estabelecidas que se expressa também a partir de uma hierarquia. Essa conduta ordenada ou regulada atende ao funcionamento institucional e regular de uma

organização. A indisciplina significa o contrário à disciplina, é o estado de desordem, de desobediência e de certa rebeldia. A violência, por outro lado, se constitui a partir do uso da força, ocorre um constrangimento físico e/ou moral. Nesse sentido, ao comparar-se a violência com a indisciplina na escola, há que se considerar uma distinção entre esses dois fenômenos.

A indisciplina na escola deve ser compreendida como um fenômeno pedagógico, ou seja, estabelece-se dentro da relação docente e discente. Pode-se considerar que a indisciplina se constitui como um fenômeno microscópico do ponto de vista social. Na escola se caracteriza como um fenômeno secundário e pouco estudado. O fato de ser um fenômeno microscópico do ponto de vista social não significa que sua repercussão seja menos importante.

A indisciplina é um fenômeno perturbador para o desenvolvimento do trabalho educativo. A relação docente/discente no ambiente escolar da indisciplina produz o conflito. Nesse sentido o movimento contraditório se dá de forma que gera um descontrole dentro da relação pedagógica que se traduz em impotência e ausência de condições pedagógicas para efetivar o trabalho educativo.

....podemos afirmar que a noção de **indisciplina escolar** aponta para comportamentos que põem em causa a prossecução das tarefas e actividades de ensino-aprendizagem, o são convívio e o respeito por um conjunto de deveres sócio-morais, valores e padrões culturais que se considera deverem presidir as relações entre pessoas no quadro institucional da escola e da aula. (AMADO, 2004, p.218)

Na observação da realidade escolar a indisciplina decorre, em larga medida, da ausência de condições para a construção do trabalho coletivo, ou seja, a gestão escolar pode ser um mecanismo real para se trabalhar a indisciplina na escola e criar as condições para a sua superação. A análise recai sobre a relação docente e discente dentro do espaço escolar, há de forma concreta um relacionamento cotidiano entre esses sujeitos. O centro desse relacionamento está constituído em objetivos que aparentemente são distintos, no entanto, o processo ensino-aprendizagem pressupõe a ação conjunta de aluno e professor; desconsiderar essa situação implica em desequilibrar essa relação. Ao retomar o caráter histórico da instituição escolar na sociedade contemporânea percebe-se que o papel da escola e do conhecimento tem perdido destaque e importância para o desenvolvimento dessa relação, não

há um objetivo explícito para a educação o que abre espaço para questionamentos.

Com relação à violência e sua permeabilidade para o processo educacional parece-nos ser um fenômeno mais crucial e objetivo. Ao contrário da indisciplina a violência tem um impacto concreto sobre as relações dentro da escola. A violência decorre de uma visibilidade maior, suas marcas são mais evidentes e de repercussão social mais ampla, o dano provocado possui um alcance social que vai do poder de polícia do Estado até o sistema de atendimento de saúde. É complexa e de exaustiva compreensão a partir de sua natureza multifacetada, ou seja, possui inúmeras dimensões.

Apesar dessa natureza complexa não podemos nos furtar a buscar sua compreensão e principalmente seus desdobramentos dentro do espaço e da cultura escolar. Os dois fenômenos impactam na escola sentimentos e compreensões negativas, é necessário observar que eles são decorrentes do próprio desenvolvimento histórico da sociedade humana.

Ainda com relação à indisciplina escolar a repercussão desse fenômeno chega a provocar certo sofrimento entre os professores, até porque não há saída fácil para esse problema, haja vista que numa visão crítica e histórica as relações dentro da escola devem ser trabalhadas para a superação do controle, da vigilância e da rigidez hierárquica. Não se defende neste artigo uma retomada das relações autoritárias na escola como a única forma de superação do fenômeno da indisciplina. Não há saída fácil para essa equação, demandando a uma gestão escolar com base e fundamento num amplo processo de democratização das relações educacionais, ressaltando o conceito de Coutinho (2002) de que a democracia deve ser entendida como um processo, não como um estado, portanto não surge ou se constrói de forma espontânea, trata-se de um mecanismo social e intencional.

Com relação a esse aspecto Spósito (2001) considera que "... a gestão democrática poderá constituir um caminho real de melhoria da qualidade de ensino se ela for concebida, em profundidade, como mecanismo capaz de alterar práticas pedagógicas." (p 54)

### **A Indisciplina E A Escola: Entre A Emancipação, A Vigilância E Controle**

É necessário fazer uma análise mesmo que sucinta sobre a relação entre indisciplina e escola, para tanto partimos de autores que já estudaram esse fenômeno. Considera-se a indisciplina um fenômeno que compõe as relações sociais entre os seres humanos sendo pensada a partir da relação entre prática docente e discente, do trabalho educativo numa perspectiva crítica.

Se admitirmos que as práticas escolares são testemunhas (e sempre protagonistas) das transformações históricas, isto é, que seu perfil vai adquirindo diferentes contornos de acordo com as contingências socioculturais, temos que admitir também que a indisciplina nas escolas revela algo interessante sobre os nossos dias.(AQUINO, 1996, p.41)

Revela-se assim que na escola contemporânea a indisciplina é algo recente, ou seja, decorre de uma flexibilização da cultura escolar que transita de uma escola tradicional/conservadora para uma escola progressista/crítica. Em síntese há uma flexibilização das relações sociais dentro do espaço escolar e principalmente da sala de aula.

Ao mesmo tempo não deve haver surpresa com a indisciplina, historicamente é um fenômeno de permanência que compõe o desenvolvimento da sociedade humana. Não é um fenômeno somente contemporâneo presente nas escolas, apresenta-se também em todas as instituições sociais que agregam pessoas, ocorre que o caráter disciplinar e/ou indisciplinar pode ser mais ou menos tolerável dependendo da organização na qual esse fenômeno se constitui.

Ao constatar-se a permanência histórica desse fenômeno na sociedade, pode-se ter um indicativo de condições mais adequadas para trabalhar seu entendimento e superação dentro do espaço escolar. Nesse aspecto pode-se considerar que a indisciplina não possui somente uma dimensão negativa, até porque a sua permanência dentro da sociedade caracteriza que ela é, também, um fenômeno positivo e indispensável para o desenvolvimento das próprias instituições sociais.

Enquanto fenômeno que se apresenta nas instituições sociais e especialmente na escola, compreende-se que a indisciplina no seu aspecto negativo compromete o desenvolvimento educacional do indivíduo, nega-se a ele a apropriação do conhecimento escolar necessário para a sua inserção no mundo social. Por outro lado, provoca nos docentes um processo de desgaste emocional que repercute socialmente dentro e fora da escola. O mais grave nesse processo é o fato de que o trabalho educativo docente/discente perde qualidade e aprofunda a desapropriação do conhecimento escolar pelos educandos.

A delimitação que nos interessa se refere ao fenômeno enquanto inserção na escola, sua natureza e especificidade, sua forma e constituição no instante da relação dentro do trabalho educativo. Uma das principais conseqüências da indisciplina na escola se refere ao

desenvolvimento de um processo de fragmentação das relações sociais internas à sala de aula e ao mesmo tempo a impossibilidade da apropriação do conhecimento e de uma aprendizagem que possibilite uma autonomia intelectual e científica do indivíduo. Ocorre comprometimento dos processos pedagógicos que se referem aos mecanismos de aprendizagem e mesmo da apropriação efetiva do conhecimento escolar, perde-se assim a natureza objetiva do papel social e institucional da escola.

Há o consenso de que a indisciplina é um fenômeno da e na escola, logo é eminentemente pedagógico, ou da natureza do trabalho educativo. Decorre da existência de uma relação social docente e discente, relação essa que é intrínseca ao processo educacional. Compreender a natureza da indisciplina na escola demanda uma análise objetiva dessa relação pedagógica. Deve-se considerar que nessa relação encontra-se uma estruturação de controle e de poder implícito.

Nessa perspectiva a relação pedagógica possui um mecanismo histórico de poder disciplinar, “o *poder disciplinar* caracteriza-se, sobretudo, pela *vigilância* (olhar hierárquico), pela *sanção normalizadora* e pela combinação de ambas num procedimento que lhe é bem específico, o *exame*. (GUIRADO, 2004, p.64) Compreende-se que a indisciplina é uma forma de confronto interno diante de um poder disciplinador que se expressa na figura do professor, principalmente se esse poder apresentar aspectos de ilegitimidade.

A ilegitimidade do poder se apresenta quando ele não possui o reconhecimento daqueles que estão a ele diretamente vinculados ou que estão de certa forma subjugados a esse processo. Recusar a autoridade de um poder ilegítimo denota um aspecto positivo da indisciplina, da rebelião e da recusa às normas e regras estabelecidas.

Na escola a presença da autoridade docente é um processo histórico, é da natureza do próprio trabalho educativo a existência de uma relação de formação e estruturação da autoridade e do poder dentro da escola. Não é novidade constatar a existência dessa relação, a questão é que, na escola contemporânea, essa autoridade tem sido sistematicamente contestada.

Pode parecer um equívoco falar em indisciplina se o poder é disciplinar; no entanto, o que fica demonstrado é que esta é uma das decorrências da disciplinarização: então as coisas não se passam de fora para dentro, com um ato de poder reprimindo uma conduta indisciplinada. Pelo contrário, a indisciplina faz parte da própria estratégia de poder, é gerada pelos mesmos mecanismos que visam ao seu controle. (GUIRADO, 2004,p.67-68)

Enquanto cultura escolar e prática pedagógica a indisciplina se coloca como um fenômeno que depende em larga medida dessa relação, quanto maior for a autoridade maior a perspectiva de controle e de vigilância sobre os educandos. A contrapartida está na possibilidade de negação dessa autoridade, ou seja, até que ponto controle e vigilância são eficientes na contenção da indisciplina.

O conflito está posto uma vez que a autoridade enquanto controle e vigilância não condiz com o caráter educativo voltado para o processo de democratização das relações sociais internas na escola. No entanto, poder, controle e vigilância são processos que estão presentes no espaço escolar, não são estranhos ao trabalho educativo, compõem a natureza desse trabalho.

A situação concreta refere-se ao fato de que a indisciplina na escola se ressentida da existência ou não de uma autoridade, uma vez que os professores utilizam esse mecanismo como uma das dimensões de seu trabalho. É do senso comum a compreensão de que o aumento da indisciplina na escola decorre da redução da autoridade docente. Torna-se fundamental recolocar o debate sobre o papel da autoridade dentro do trabalho educativo.

A relação indisciplina e autoridade deve ser analisada sob o conjunto das relações sociais internas na escola, a constituição dos papéis docente e discente, além disso, deve também analisar concretamente a prática pedagógica. O conflito se constitui, assim, a partir da dificuldade dentro dessa relação, nesse aspecto a indisciplina se caracteriza como um desdobramento da prática pedagógica docente.

A relação professor/aluno já vem abalada por embates e desafios: os problemas infra-estruturais como os salários e a precariedade das condições físicas; os problemas sociais e de relacionamento como os de segurança e ameaças ao exercício de sua função por alunos e outros grupos institucionais; os problemas técnicos e de formação que parecem eternamente desencontrados das demandas e das condições dos aprendizes; e assim por diante. (GUIRADO, 2004, p.69)

Não se trata de reduzir o problema da indisciplina na escola ao exercício das relações sociais internas que se concretizam como prática pedagógica, porém é nessa prática pedagógica que ela é explicitada. A transposição da indisciplina na escola requer uma revisão da prática educativa a partir do contexto social no qual a organização do trabalho pedagógico

é realizada. Não se trata de uma questão simplesmente didática, não é a forma de desenvolvimento do trabalho pedagógico, mas antes de tudo é a concepção social e crítica<sup>2</sup> do trabalho pedagógico.

A perspectiva crítica parece-nos ser a melhor forma de fundamentar a análise sobre a indisciplina escolar e a sua relação com a prática pedagógica. Trata-se de buscar uma objetividade que se apresenta no contexto social, é no movimento das contradições sociais que a realidade se constitui concretamente. A prática pedagógica se coloca como referência para a compreensão crítica da indisciplina na escola, ou seja, a constituição do trabalho e suas conseqüências para a relação docente/discente.

É necessário compreendermos que a indisciplina constitui-se dentro de uma contradição, no contexto do trabalho educativo e numa relação de poder, significa afirmar que esse fenômeno não pode ser analisado apenas como um problema comportamental.

A disciplina constitui-se, portanto, num conjunto de dispositivos de poder. Mediante esquadramento do ambiente, compõe um quadro vivo que identifica e classifica os indivíduos. Estabelece manobras impondo um ritmo coletivo obrigatório e adestrando os gestos individuais. (...) O controle dos indivíduos numa instituição disciplinar é feito mediante sua observação constante. A organização do espaço deve proporcionar a vigilância constante dos subalternos pelos superiores. (FLEURI, 2008, p.472)

A indisciplina reduzida a um problema pedagógico torna-se um processo de relações de poder dentro de instituição escolar, centrando a relação pedagógica entre docente e discente como objeto de reflexão. A indisciplina surge como fenômeno que produz desgaste na organização do trabalho pedagógico. Entretanto, ao mesmo tempo em que a indisciplina estabelece uma relação de poder que desafia a organização do trabalho educativo, sinaliza para a instituição escolar que as relações sociais na escola estão individualizadas.

Ao pensar a indisciplina escolar numa perspectiva crítica rejeita-se os mecanismos de controle e vigilância como forma pedagógica de organizar o trabalho educativo. A perspectiva do trabalho educativo surge como uma forma de pensar a prática pedagógica na dimensão da democratização das relações sociais dentro da instituição escolar. O desafio está no

---

2 A concepção crítica de educação significa compreender as contradições sociais que o contexto social da educação produz. Ao mesmo tempo essas contradições sociais são determinantes para a compreensão do processo educacional na escola.



desenvolvimento de práticas pedagógicas que “enfrentem” as questões da indisciplina escolar.

A partir da democratização das relações do trabalho educativo pode-se pensar numa escola e numa prática pedagógica fundamentada na autonomia, na solidariedade, na emancipação e cooperação. “Para desconstruir as formas disciplinares de relação pedagógica que dificultam a construção de processos emancipatórios democráticos e cooperativos, é necessário, antes, saber por que nas organizações disciplinares as relações tendem a se configurar como processo de sujeição.”(FLEURI, 2008, p.476)

Fleuri toca na questão central da escola quando o assunto é indisciplina: torna-se urgente refletir sobre a organização do trabalho pedagógico na perspectiva da emancipação<sup>3</sup> e não de controle e vigilância. É necessário aprofundar a relação entre educação e democratização, educação emancipação do educando. O papel do professor nesse processo é de fundamental importância para o desenvolvimento do educando; na perspectiva da educação emancipatória as relações pedagógicas e o próprio trabalho educativo devem passar por uma reflexão permanente.

Superar a indisciplina na escola exige pensar o trabalho educativo como desdobramento das relações sociais na comunidade escolar. Comunidade se refere a processos comunitários dentro de uma perspectiva comum, no sentido do interesse de todos, ou seja, o interesse comum se sobrepõe ao interesse individual. Nesse mesmo sentido pode-se compreender a indisciplina como um problema da escola como um todo e não somente do educando.

Pensar a indisciplina na escola como processo positivo refere-se à necessidade de se compreender que ela indica uma forma de linguagem pedagógica que deve e pode ser refletida, repensada; a indisciplina não significa o caos dentro da escola, pode expressar uma realidade que ao desafiar o sistema escolar nos coloca diante da possibilidade de refletir a relação sociedade e escola, família e escola e finalmente entre o indivíduo e a escola. Qual é o significado da escola hoje para o educando, quais as possibilidades e limites para o desenvolvimento dos sujeitos escolares.

Para falar sobre a indisciplina escolar é necessário refletir sobre o papel da educação e/ou escola na sociedade contemporânea. Propõem-se neste artigo a reflexão crítica sobre o papel e a relação histórica entre educação e sociedade. Firma-se a idéia de que a indisciplina é

---

<sup>3</sup> A emancipação diz respeito a uma condição de autonomia que se constrói a partir da democratização das relações sociais. Significa uma condição de liberdade e esclarecimento da consciência na qual o indivíduo desenvolve uma capacidade de autogoverno.

um fenômeno social, logo se articula aos processos sociais que são históricos, são processos sociais de permanência, de construção e desconstrução social.

### **A Violência E A Escola: Entre A Humanização E O Esvaziamento Da Reflexão**

Ao contrário da indisciplina o tema da violência, e sua permeabilidade na escola decorrem de processos sociais mais amplos, complexifica-se na medida em que seus desdobramentos são mais conseqüentes, ou seja, mobilizam uma estrutura social punitiva e de atendimento a saúde. “A violência, por sua vez, seria caracterizada por qualquer “ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral”. (GUIMARÃES, 2004, p.73)

É inegável que a instituição escolar não pode se eximir de sua responsabilidade sobre a discussão, reflexão, compreensão e mesmo o enfrentamento com relação à violência. Por outro lado compreende-se que a violência é um processo histórico, logo se pode afirmar que não há surpresa sobre a presença desse fenômeno na instituição escolar. Ao mesmo tempo pode-se considerar que a instituição escolar possui possibilidades e limites para desenvolver um trabalho educativo sobre esse fenômeno. Há inúmeras questões que podem ser tomadas numa perspectiva histórica sobre a violência, interessa-nos nesse instante nos ater sobre esse fenômeno e seu desenvolvimento na sociedade.

Atualmente, passa-se por um processo de banalização da violência, que corresponde não só a perda do monopólio do Estado sobre esse elemento constitutivo da sua soberania e a ruptura dos processos de pacificação social estabelecidos segundo regras de convivência social, mas também à pulverização da violência entre civis, ao armamento individual e das organizações internacionais do crime, ao lucro das empresas de segurança, etc. (MADEIRA, 1999,p.51)

A prática educativa possui uma condição imanente de se propor ao pensamento, essa condição se reflete sobre a violência na escola e a partir desse processo buscar superá-la numa perspectiva crítica. Tem-se a concepção da violência na escola como um mal para a prática educativa, nesse sentido busca-se compreendê-lo como algo que desencadeia relações que negam o trabalho escolar. Trata-se de um processo de desumanização do indivíduo, enquanto que no contexto do processo de educação o movimento que a prática escolar realiza é radicalmente diferente, ou seja, a educação é inexoravelmente um processo humanizante.

É importante considerar que esse processo se constitui a partir do trabalho educativo, numa perspectiva de que o objetivo da educação é o de desenvolver um indivíduo que pense por si mesmo, que tenha autonomia e liberdade. A educação deve se colocar de forma radicalmente contrária a qualquer forma de violência que reduza o indivíduo à condição de coisa, negar aquela condição em que o modelo do “cidadão das sociedades burocráticas modernas é o homem que atua sob ordens, que obedece cegamente e é incapaz de pensar por si mesmo, pois essa supremacia da obediência pressupõe a abolição da espontaneidade do pensamento.” (SOUKI, 1998, p.13)

O papel da educação reside no desenvolvimento da capacidade permanente de exercício da crítica como condição intrínseca para o desenvolvimento do indivíduo com base na autonomia. Essa é a condição política que a educação se impõe diante de uma prática pedagógica que busca compreender e superar os processos de violência dentro do espaço escolar.

Ao pensar a indisciplina e a violência no âmbito da educação, ocorreu-nos a necessidade de elaborarmos uma indagação acerca das possibilidades de superação desses fenômenos. Não significa que podemos negá-los aleatoriamente ou mesmo considerá-los como fenômenos estranhos às relações sociais historicamente construídas. Há momentos em que tanto a indisciplina, quanto a violência podem ser consideradas legítimas, há inúmeros fatos históricos em que a violência foi o único recurso legítimo de defesa de determinadas sociedades.

Enquanto a ilegalidade é a essência do governo tirânico, o terror é a própria essência do domínio totalitário. Tal regime não abole somente a liberdade pública, mas visa à eliminação total da espontaneidade nela mesma e, contrariamente à tirania que autoriza ainda a ação motivada pela crença, o totalitarismo consegue suprimir toda a ação. (...) O primeiro traço da dominação totalitária é a destruição das redes de comunicação que prendem o homem a um tecido sociopolítico, a fim de promover a mobilização das massas despolitizadas. (SOUKI, 1998,p.57)

Tendo a educação como um processo de construção de sociabilidades<sup>4</sup>torna-se fundamental compreendermos de que forma essa relação se constitui na escola, quais as

---

<sup>4</sup> Não há atitudes isoladas dentro da prática pedagógica. As relações sociais dentro da escola se constituem como um todo que só pode ter sentido quando analisado dentro de relações estruturais, dentro de relações de poder no âmbito da sociedade. São assim questionamentos que não podem ser meramente particulares. (ADORNO,2008)

possibilidade e limites para a superação crítica da indisciplina e mais ainda da violência no ambiente escolar.

Pensar alternativas para a organização do trabalho pedagógico e dos processos de aprendizagem pode ser uma retomada para a superação dessas contradições numa direção crítica, política e histórica. Nesse sentido, apresenta-se uma proposta de análise e de trabalho com relação às questões da indisciplina e da violência na escola, considerando-as formas de exclusão da aprendizagem e apropriação do conhecimento. Afirma-se também que o trabalho educativo na perspectiva do coletivo e da democratização das relações sociais dentro da escola pode ser a forma possível de se buscar uma educação com base na autonomia e na humanização do sujeito.

### **A Organização Do Trabalho Pedagógico Na Escola E O Desafio Da Aprendizagem: Breves Considerações**

O trabalho educativo é considerado neste estudo como categoria que possibilita compreender as relações internas da escola, ou seja, como os sujeitos atuam, desenvolvem e se constituem nas práticas relacionadas ao processo educacional. O trabalho aqui é tomado como categoria de análise e se constitui dentro de contradições das relações sociais. Dentro do processo de desenvolvimento do trabalho educativo na escola as contradições sociais estão presentes a partir da constituição de relações sociais permanentes no cotidiano escolar.

O processo de aprendizagem apresenta-se como um mecanismo complexo que vincula-se à organização do trabalho pedagógico. A base do trabalho educativo na escola, a aprendizagem, torna-se o núcleo do objetivo educacional escolar. Nesse sentido é importante perceber o duplo caráter da educação: cabe a ela integrar o aluno à realidade em que vive, porém esse processo deve ir além da simples adaptação, ela deve reunir princípios individuais e sociais, a adaptação e a resistência.

A forma como a escola se organiza pedagógica e administrativamente vai definir sua ação frente essa dupla condição. Uma organização do trabalho pedagógico que considere que “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (ADORNO, 2006, p. 121) terá por objetivo a formação para a autonomia. Segundo Adorno (2006), a formação da subjetividade autônoma se estabelece no interior de condições objetivas. Os pressupostos objetivos – sociais e políticos – são extremamente difíceis de

mudar e a educação, e a escola, volta-se para o lado subjetivo.

Para tentar superar essas questões, a discussão sobre a educação e a escola deve ultrapassar a análise dos fins da educação, voltando-se para onde esta deve conduzir. A educação não pode apenas modelar as pessoas nem somente transmitir conhecimentos, deve trabalhar para a “produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 2006). Para isso, o planejamento educacional não pode ser apenas quantitativo, mas principalmente qualitativo. A prática educacional deve balizar-se pela informação de pessoas emancipadas, capazes de pensar, de fazer experiências intelectuais, superando o caráter competitivo que orienta o modelo educacional atual.

### **Considerações Finais**

A relação entre Indisciplina, Violência e Educação decorre de um fenômeno social que coloca a escola no centro de um debate que transcende o espaço exclusivamente pedagógico. São fenômenos que por si só exigem uma compreensão complexa e interdisciplinar, assim toma-se como análise de difícil construção, porém é necessário e urgente fomentar esse pensamento e debate.

A escola dentro de suas possibilidades constitui-se num espaço de reflexão, debate, estudo e análise sobre os fenômenos que se apresentam e constroem dentro de seu cotidiano. A apropriação do conhecimento escolar torna-se um processo em que é necessário constituir uma organização do trabalho pedagógico que possibilite formas de inclusão social. Torna-se necessário deixar claro os mecanismos utilizados pela escola no processo educacional.

A escola deve passar pela conscientização do “pesado legado de representações que carrega consigo” (ADORNO, 2006, p. 117) e assumir seu papel na sociedade como responsável por estabelecer uma discussão que enfrente os fatores que originam a indisciplina e a violência através de um pensamento racional, porém profundamente vinculado às necessidades humanas reais. Essa ação deve considerar uma mudança no comportamento do professor a partir de seu próprio esclarecimento e uma sólida formação profissional. Esses são os instrumentos para superar as condições que ocasionem interferências num processo educacional que esteja orientado para autonomia e emancipação.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- AMADO, João da Silva. Indisciplina e Violência na escola: conceitos, interrogações e respostas. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v.7, n.2, p.217-225, maio/agosto, 2004.
- AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
- BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1985.
- COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia na batalha das idéias e nas lutas políticas do Brasil de hoje. In: FÁVERO, Osmar e SEMERARO, Giovanni. (Orgs.) **Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro**. Petrópolis,RJ:Vozes, 2002.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Rebeldia e democracia na escola. **Revista Brasileira de Educação**. v.13, n.39, set/dez 2008.
- GUIMARÃES, Àurea M. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In:AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p.57-71.
- GUIRADO, Marlene. Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p.57-71.
- JACOMINI, Márcia Aparecida. O trabalho como finalidade da educação na Constituição de 1988 e na LDB de 1996: uma análise a partir da teoria do valor em Marx. In: PARO, Vitor Henrique.(Org.) **A teoria do valor em Marx e a educação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- MADEIRA, Felícia Reicher. Violência nas escolas: quando a vítima é o processo pedagógico. **Revista São Paulo em Perspectiva**, 13(4) 1999.
- RUOTTI, Caren. Conflito e Insegurança escolar nas zonas leste e sul do município de São Paulo. In: RUOTTI, Caren, ALVES, Renato, CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- SPÓSITO, Marília P. **Educação, gestão democrática e participação popular**. In: Bastos, João Baptista (org.). **Gestão Democrática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000. p.45-56
- SOUKI, Nádia. **Hanna Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.